



O SENTIDO DO SENTIR

Aniúska Mansuêta Carvalho Barros¹

Resumo

Estamos ancorados na era de dominação absoluta da imagem, na era da visualidade. Norval Baitello Junior refere-se à imagem como o início das investigações sobre Comunicação ao apontar que podem ter distintas naturezas. Dietmar Kamper também é um defensor da pluralidade da imagem e da sua abrangência. Este trabalho busca singularidades e apropriações a partir da visão de Kamper, embasado pelas percepções de Baitello e por Boris Cyrulnik. O objetivo é questionar o que entendemos por imagem e como elas nos afetam os sentidos. Kamper, Baitello e Cyrulnik ajudam a elucidar tal questão e a permear um caminho pouco estudado sob a ótica da amplitude dos sentidos.

Palavras-chave: Imagem. Comunicação. Cultura. Sentidos. Linguagem.

Adentrar o universo do pesquisador e estudioso Dietmar Kamper não é tarefa fácil. Faz-se necessário ter ao lado um bom guia e muita coragem. O bom guia, no caso o Professor Norval Baitello Junior, um exímio estudioso dos trabalhos de Kamper e seu amigo pessoal, irá ajudar o iniciante a “cavar” cada palavra, singularmente escolhida pelo professor alemão, e as decifrar, tais quais os enigmas dos homens do antigo deserto. É como uma trajetória de mãos dadas, com o intuito de navegar por um mundo cheio de nuances, formas, densidades e, paradoxalmente, singelo. A singeleza dos textos de Kamper os faz sobrepor os muros da academia e adentrarem o reino da poesia.

É assim, com a união de força e sensibilidade, que o professor e estudioso da Comunicação Kamper nos apresenta seu universo carregado de simbolismos e densidade. Não sem antes, nos informar que é preciso coragem para fazer a travessia. Coragem é preciso ter muita, para enfrentar tais labirintos de enigmas e não se deixar levar pela aparência de um

¹ Aniuska Barros, Doutoranda, PUCSP. E-mail: aniuskabarros@hotmail.com.

V COMcult

o que custa o virtual?

texto poeticamente delicado, que esconde em si todo o drama da existência humana. A horizontalidade dos assuntos e a verticalidade que lhes dá forma e, ainda, como são tratados exigem do leitor uma contumaz clareza de tratados sobre a própria humanidade deste e de outros mundos, que remotam à Idade Média, à Antiguidade Clássica, à Grécia Antiga. Kamper é autor singular e denso. Sua hermeticidade exige vasta leitura prévia, cada palavra que utiliza carrega em si o peso da sua ancestralidade.

Assim, tanto o guia quanto a coragem se fazem necessários desde a leitura da primeira linha de cada artigo. Melhor seria dominar o alemão, para conseguir realizar a travessia de forma mais primorosa e aprofundada. Não é seu texto obra fechada da academia. Não se fazem duros, densos por mera burocracia do mundo acadêmico. Suas observações são mais do que acadêmicas, são postulados, legados bravamente talhados em papel e tinta – sem sequer ter o uso da tecnologia para lhes contaminar. Segundo o professor Baitello, Kamper era avesso ao mundo tecnológico, nem mesmo e-mail possuía. Emoldurava seus textos em formatos ainda antigos (papel e tinta), o que não lhes retirava o frescor, a singularidade e a originalidade.

Kamper traduz, de forma delicada e extremamente aprofundada, as sutilezas que a alma humana esconde em seus mais recônditos armários, tendo como alicerce a imagem. Como bem observou o professor Norval Baitello Junior, o autor consegue nos fazer ‘olhar de frente o urso selvagem que se esconde no mais profundo labirinto de cada ser humano, enquanto as senhoras inglesas tomam seus chás das cinco’. Para entender a imagem, Kamper dizia que era preciso pensar com a cabeça estilhaçada, como os românticos com o coração partido. “Não sejamos tão maus com as imagens, elas nos atenuam as dores”, ponderava. “Por medo da imagem, fazemos imagens e as imagens nos fazem ainda mais medo”, argumentava.

Traduzir sentimentos e embasá-los em imagens é tarefa das mais engenhosas e artesanais. É preciso astúcia para não se deixar convencer pelo que se faz palpável, pelo que já se faz senso comum. Kamper é habilidoso artesão dos prazeres e sofrimentos da alma e, em especial, do que a imagem faz com tais características humanas. É observador contumaz e tem embasamento teórico para (re)criar os dilemas humanos em forma de poesia e os contrapor com os mais avançados estudos da teoria da comunicação e da mídia da atualidade e os confrontar com a necessidade do corpo humano. Segundo o autor, o corpo é ignorado pela

V o que custa o virtual?

nova Teoria da Comunicação. Faz-se necessário resgatar o corpo para que a comunicação aconteça.

Em seu artigo “O corpo em fuga de si mesmo”, Baitello afirma que tem a convicção de que o corpo é linguagem, resultante de confluência de códigos complexos em múltiplos níveis. Ao fazer referência aos estudos do jornalista e professor alemão Harry Pross, Baitello traz à tona a ideia de “mídia primária”. Esta é a base de toda a mídia restante (acústica, visual e eletrônica). Baitello frisa neste artigo que, sem a mídia primária, o corpo, e sua complexidade comunicativa, não se desenvolve o quadro de diversidade midiática que caracteriza nossa contemporaneidade. Seria, portanto, o “texto” corpo, a intersecção de fluxos de diversa e múltipla natureza.

A entidade “corpo biológico” fornece um substrato importante, mas não exclusivo; “corpo social” é uma expansão do corpo biológico, gerado e gerador dos vínculos que mantém viva uma sociedade; o “corpo cultural”, aquele que a história do imaginário humano idealiza e gera, texto cultural por excelência. (BAITELLO, 1998, p. 3)

De acordo com Boris Cyrulnik, entre os seres vivos o homem se apresenta como aquele que é mais dotado do poder de comunicação e que mais necessita de um parceiro para estar-com, coexistir. Mais do que outro corpo para se fazer entender ou comunicar, os homens ditos contemporâneos necessitam cada vez mais dos símbolos para se fazerem entender, se perpetuarem. Ainda segundo Cyrulnik (2004), o medo e o desejo formam os nossos sentidos e os nossos afetos ao abrirem-nos para o mundo simbólico. Harry Pross *apud* Baitello (2005), afirma que “símbolos vivem mais que homens”, e que isso só é possível graças aos seus suportes, as imagens. Não importa em que tipo de linguagem, se visual, se auditiva, se olfativa, tátil ou performativa.

Para Baitello, a comunicação midiática sincroniza e constrói um campo simbólico. Ao fazer referência aos símbolos, Baitello (2005), evidencia a importância da ritualização, como uma forma de conferir nova vida, de oferecer sobrevivência.

Símbolos são grandes sínteses sociais, resultantes da elaboração de grandes complexos de imagens e vivências de todos os tipos. Por isso, as imagens evocam os símbolos e ao evocá-los, os ritualizam e os atualizam. (BAITELLO, 2005, p. 17).

V COMcult

o que custa o virtual?

Ao falar sobre imagens endógenas e exógenas, Baitello assegura que tanto uma quanto a outra ao serem demasiadamente utilizadas criam transtornos ao seres humanos. “As imagens internas nos fizeram, afinal, seres de cultura. A capacidade de imaginar faz com que nós fuçamos de uma coisa que a gente considera impossível de fugir que é fugir do tempo” (BAITELLO, 2007, p 79).

De acordo com Baitello (2012), Hans Belting, outro grande pesquisador e professor alemão, fala das imagens endógenas quando elas estão dentro de nós, em sonhos, no devaneio, na imaginação, no sonho diurno, nos cenários que construímos. No caso das imagens exógenas, Belting afirma que elas habitam o espaço fora de nossos corpos, nas paredes, no papel, nas telas, nos objetos. Mas, o pesquisador é enfático ao ponderar que as imagens exógenas

[...] extrapolam e ocupam também obsessivamente os espaços em que vivemos, elas nos coíbem a vida interior, impõem-nos padrões, medidas, atitudes, induzem-nos a ser e a fazer coisas sem termos tempo de tomar as decisões (BAITELLO, 2012. p. 95).

Pode-se afirmar, portanto, que a absorção de imagens externas como sendo internas é o próprio aniquilamento do corpo.

Quanto mais a vida da imagem domina a vida do corpo mais este corpo vai abrindo mão da sua própria existência. Os casos mais extremos, mais dramáticos e reais, são os casos de morte por anorexia, pois as modelos são profissionais da imagem, que têm que levar uma vida de imagem. E aí ocorrem os casos extremos da morte do corpo em nome da imagem. Mas a maior parte dos casos não são extremos, a maior parte dos casos são reais. O corpo continua sobrevivendo, mas com uma restrição do seu imaginário e, conseqüentemente, um empobrecimento do mesmo. Portanto, um empobrecimento da cultura, da capacidade de imaginação, da capacidade criativa. Um empobrecimento da capacidade de gerar imagens internas, porque o ataque das imagens externas foi tão avassalador que as pessoas passam a, ao invés de produzir as suas próprias imagens, reproduzir as imagens pré-fabricadas que são entregues diariamente a elas. (BAITELLO, 2007, p. 81).

Em outro trecho do mesmo livro, Baitello ao fazer referências aos estudos de Aby Warburg, confere às imagens um poder impactante por evocarem coisas ausentes, as fazendo presentes. O conceito de Iconofagia das Imagens trabalhado por Baitello, presente também nesse estudo, remete ao poder antropofágico das imagens de devorarem os homens.

V COMcult

o que custa o virtual?

Nós não estamos fora do mundo, mas nós temos que ocupar conscientemente o nosso espaço neste mundo e não deixar que o mundo ocupe todo o nosso espaço interior. A isso eu chamo de devoração pelas imagens e eu criei, ou melhor, montei uma palavra para dar nome a esse fenômeno, que é a palavra iconofagia. (BAITELLO, 2007, p. 81).

O pesquisador é enfático também a respeito da Iconofagia da Imagem atrelada às marcas. “Por que pagamos dez vezes mais por um produto de uma determinada marca, do que por outro de similar qualidade?”, questiona. E o pesquisador mesmo responde: “pagamos nove vezes pela imagem e apenas um preço pelo produto”, argumenta (BAITELLO, 2012, p. 124). Esta multiplicação do valor, segundo o autor, se dá quando pautamos nossas vidas pelas imagens. “Alimentamo-nos com imagens e nos transformamos em imagens”, argumenta (BAITELLO, 2012, p. 125). A essa assertiva Baitello contrapõe o pensamento de Kamper, de que as imagens só nos devoram quando já deixamos que nos transformem em imagens. Ao citar Kamper, Baitello revela que este acreditava que somente o ‘corpo pensante’ é capaz de frear o avanço das imagens sobre o próprio corpo.

Mas, como frear as imagens se somos porosos, como define Cyrulnik. Se somos porosos, as imagens facilmente nos perpassam. Ou só nos perpassam porque nos deixamos seduzir, porque temos o desejo de possuí-las? Baitello, ao fazer referência ao simbolismo da imagem e à porosidade de Cyrulnik, argumenta que

as imagens exógenas em turbilhão, esses seres que querem nos seduzir, nos tentar e possuir ou ser coisas que não precisamos, são provocadores de carências, de vazios e ocos artificiais. Quando nos identificamos com esses vazios, nos identificamos com elas. Então, somos presas fáceis para suas garras. E nos deixamos devorar por elas (BAITELLO, 2012, p. 127).

Em seu texto “Estrutura Temporal das Imagens”, Kamper abre as portas para a discussão acerca dos ideais e, numa escalada de tópicos que vai de 1 a 13, faz várias reflexões sobre as imagens, a mídia, a televisão, a imaginação, a abstração, os signos, o ciberespaço, a morte, o tempo. Ele postula no início do texto, ao citar Nietzsche, “E quantos ideais ainda são possíveis?”. Segundo Kamper, na guerra das imagens, vê-se a guerra do homem contra o homem. E é na imagem que os ideais humanos mais se fazem presentes. Trabalhar a partir do que as imagens são na atualidade é um desafio e tanto.

V o que custa o virtual?

O corpo um, cansado e descontente de ser só corpo, fugiu de si mesmo em busca dos outros horizontes, pretensamente alcançados por dois e três. O corpo dois, igualmente infeliz de sua identidade de linguagem, partiu em busca das outras amplitudes, próprias do um e do três. O corpo três, ansioso por não se ater às suas amarras oníricas e imaginárias, abandonou-se e rumou em direção a outras qualidades de seus iguais, em busca de eternidades. (BAITELLO, 1998, p. 4)

Para falar sobre o que hoje acontece com os meios de comunicação, Kamper recorre à história de cinco séculos de imaginação, que, segundo ele, “projetou um espectro, desde a visão dilacerada até o tédio da televisão”. Fazendo tal analogia, Kamper se apropria do momento da ruptura retratado por Leonardo Da Vinci, como temática para ver as coisas dilaceradas. No Renascimento, há o deslocamento do Sagrado para o Humano, o desenvolvimento da perspectiva. Na “Visão Dilacerada”, há somente o lado da visão, visão separada do corpo. Já a “Televisão”, é o ponto máximo da visão dilacerada. Há, nestas duas perspectivas, a ideia de que as imagens afetam o corpo humano. Este é o ponto de divisão entre o EU e o OUTRO; a Cultura e o Oculto; o Local e o Estrangeiro. Por este viés, pode-se afirmar que todas as segregações tem, de alguma forma, o uso da imagem como ferramenta. É possível constatar, por este ângulo, que a imagem é mais poderosa do que a palavra. E que se faz urgente resgatar o corpo.

A imaginação, por sua vez e de acordo com Kamper, é responsável por criar um mundo artificial. “A imaginação sempre foi e continua sendo a faculdade realmente produtiva do homem em sua tentativa de erigir um mundo artificial feito por homens no lugar do mundo natural, tido de algum modo enquanto dádiva divina”, frisa Kamper já no terceiro tópico do texto. A fantasia, por esta lógica, era da ordem do paraíso e não do mundo.

Para falar sobre o corpo humano e suas transformações, Kamper utiliza graus de abstração. Neste panorama, os corpos/imagem ou imagem/corpo, tópico 5 do texto, o autor enfatiza a estratégia de exclusão utilizada para tirar o corpo do visível. A oposição central a este fenômeno é a auteridade da imagem. O corpo/imagem ainda é um corpo, mas tem referenciais imagéticos muito fortes. Possui propriedades ideais, de fotogenia, por exemplo (como no caso de atores, atrizes etc). No caso da imagem/corpo, o corpo entra como adjetivação e está aprisionado dentro da imagem. Vilém Flusser *apud* Baitello define a escalada da abstração no sentido de subtração, retirada ou perda de materialidade. Kamper citado por Baitello define abstração do corpo a partir do processo civilizatório:

V COMcult

o que custa o virtual?

pois as abstrações do corpo se instalam na história da civilização como uma progressiva extirpação dos corpos, da plenitude para vazio do mundo vital rico em dimensões para o deserto gélido da abstração, até o zero; ou seja, até o cálculo com o zero; ou seja, até o cálculo com o zero/um. Essa des-escalada possui algo compulsório e irreversível. Por isso não se pode retornar simplesmente. Observando com devida distância, o todo se parece com uma história de sacrifício coletivo sob o efeito de choque (KAMPER *apud* BAITELLO, 2010, p. 42).

Kamper define a imagem, principalmente aquela advinda da tela, na qual se estabelece um campo de batalha. “A imagem é na verdade um consolo para os olhos. Mesmo o mais pavoroso perde seu pavor à medida que se adéqua a uma imagem”, disse. A imagem/corpo, por outro lado, aniquila o corpo, ao mesmo tempo que o indivíduo que não tem uma boa imagem, não tem poder. É o contraponto da imagem ao corpo. “Quanto mais superfície a favor, mais se abre mão do próprio corpo, mais se tem chance de vencer na vida. A luta entre o espaço circundante (a tridimensionalidade) e a superfície estabelece o jogo de poder”, Baitello (anotações de sala de aula).

A morte, segundo Kamper, também está intrinsecamente ligada à imagem. “Sabermos mortais nos ajuda a lidar com o tempo. A ilusão da imortalidade faz com que não se viva o tempo presente. O corpo reage ao tempo imediatamente”, Baitello (anotações de sala de aula). O tempo, segundo Baitello, é o eterno retorno do mesmo, que espelha o eterno fracasso da vontade de poder. O tempo, por este viés, é circular.

A palavra imagem em português, image em francês, imagen em espanhol, vem do latim e no latim a palavra é imago. E o que significava imago para os povos que falavam latim? Significava a máscara de cera ou de gesso, fabricada a partir do rosto de uma pessoa morta e, portanto, significava o retrato de um morto. Em grego era a mesma coisa, a palavra é eidolon e significa a mesma coisa que em latim. É o retrato de um morto. Os familiares de uma pessoa rica, quando esta morria, mandavam fabricar uma imago, ou, na Grécia, eidolon. E guardavam aquilo como única recordação do morto, pois não havia fotografia, não tinha como pintar a pessoa. Então eles fabricavam e era a última recordação do morto. A imagem visual tem uma força enorme de captura do nosso olhar e é porque, talvez, na nossa memória profunda, nós recordemos este medo da morte e por medo da morte nós fabricamos imagens e por medo das imagens nós fabricamos mais imagens e as imagens nos capturam lá no canto. Talvez elas nos ameacem e elas nos recordem muito profundamente que todos somos mortais e, para fugir da morte, existe uma saída: antecipar a própria morte (BAITELLO, 2007, p. 82)

Já em seu texto “Motim contra o canibalismo da civilização”, Kamper apresenta a devoração do corpo pela imagem pela ordem da eternidade. Neste texto, o autor demonstra como o corpo se deixa devorar, tendo como alicerce da narrativa a história mitológica de

V COMcult

o que custa o virtual?

Zeus. De acordo com o texto, só os humanos e os deuses tem o direito de morrer, a imagem não o tem. Assim, Kamper frisa a necessidade do outro, da auteridade, para se saber quem se é. No excesso de identidade, se encontra o estranho, o monstruoso.

Talvez elas nos ameacem e elas nos recordem muito profundamente que todos somos mortais e, para fugir da morte, existe uma saída: antecipar a própria morte. E essa é a saída que oferece o mundo das imagens que nos devoram, das imagens insistentemente proliferadoras e proliferadas por este mundo afora e que competem pelo nosso olhar. (BAITELLO, 2007, p.82)

Toda a antropofagia é uma incorporação do outro e assim a própria auteridade. O que se estuda hoje em comunicação é a conexão. “Só existe comunicação, quando existe comunhão, incorporação do outro”, Baitello (anotações de sala de aula). Do mesmo modo, pode-se afirmar que a negação da morte nos conduz à vida.

Tal como a concavidade, também a escrita e a literatura são vistas como instâncias devoradoras. Quem escreve já devorou outras escritas e quem lê devora a realidade transformada em linha de escrita. São explícitas as referências à apropriação e transformação do outro e sua representação, sua metabolização, por meio de algum sistema de codificação, seja ele imagético seja ele lógico-formal (BAITELLO, 2010, p. 41).

A Mídia, para afastar a depressão, provoca a histeria, a repetição. É uma tentativa de fugir do medo pela histeria da repetição. A histeria é uma forma de negação. De acordo com Kamper *apud* Baitello (anotações de sala de aula). Segundo Baitello, Kamper foi genial ao frisar que: “Deus sonhou o homem e se decepcionou porque o homem é imperfeito. O homem sonhou a máquina e se decepcionou porque a máquina é imperfeita. A máquina sonhou Deus e não se decepcionou”. Com esta frase, Kamper reafirma o poder da imagem, ela se torna sagrada, intangível. E reafirma, grosso modo, que as imagens podem ser tanto acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas ou visuais.

Considerações Finais

Pensar em Comunicação na atualidade é fazer uma reverberação de uma série de conhecimentos circulantes, em especial sobre o domínio do Logos, apropriado por esta ciência da Filosofia. Não há dúvida de que as formas de comunicação tenham mudado. Mas, mesmo

V cult

o que custa o virtual?

na contemporaneidade, o homem ainda é co-dependente de outro homem para se comunicar, se fazer entender, se perpetuar.

É possível postular, a partir do pressuposto da Teoria da Comunicação, que as imagens dependem de ser humano para existir, pois são eles que lhes dão energia e é por meio de sua ação que se reproduzem. Afinal, toda comunicação nasce no corpo, a mídia primária, e termina no corpo.

O professor e pesquisador de Comunicação e Cultura, Norval Baitello Junior, refere-se à imagem como o início das investigações sobre Comunicação ao apontar que podem ter distintas naturezas, em um sentido mais amplo de linguagem, como: acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas ou visuais.

Dietmar Kamper também é um defensor da pluralidade da imagem e da sua abrangência. A imagem não é apenas visual. Para entender a imagem, Kamper dizia que era preciso pensar com a cabeça estilhaçada, como os românticos com o coração partido. “Não sejamos tão maus com as imagens, elas nos atenuam as dores”, ponderava. “Por medo da imagem, fazemos imagens e as imagens nos fazem ainda mais medo”, argumentava.

Por estes prismas, este trabalho se construiu. O que são as imagens? Como elas nos afetam? Quais os sentidos são aguçados pelas imagens? Kamper e Baitello nos ajudam a elucidar estas questões e a permear um caminho pouco estudado sob a ótica da amplitude dos sentidos. Quais sentidos humanos as imagens aguçam?

Mas, ao mesmo tempo, que as imagens reduzem-nos, nos aprisionam, nos devoram. Isto ocorre, de acordo com o professor Baitello, porque “as imagens tem apenas uma chance de alcançar o status da vida: quando elas buscam nos olhos de seus espectadores a profundidade perdida”. (BAITELLO, 2005, p. 49)

Referências Bibliográficas

- BAITELLO, Norval. **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker, 2005.
- _____. **O Pensamento Sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Paulo: Editora Unisinos, 2012.
- _____. **A Serpente, a maçã e o holograma – Esboços para uma Teoria da Mídia**. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. Podem as imagens devorar os corpos?. In: **Sala Preta (USP)**, v. 1, p. 77-82, 2007.
- _____. O corpo em fuga de si mesmo. In: **Revista do Lume**, Campinas, v. 1, p. 9-12, 1998.

V COMcult

o que custa o virtual?

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido – O homem e o Encantamento do Mundo**. Portugal: Paiget Editora, 1997.

KAMPER, Dietmar. Motim contra o Canibalismo da Civilização. In: **Revista Ghrebh-**, v. 2, n. 14 (2009)

_____. Estrutura Temporal das Imagens. In: **Revista Ghrebh-**, v. 1, n. 01 (2002)

_____. **Re-Signação em São Paulo**. Disponível em: <www.cisc.org.br/biblioteca>. Acesso em: 15 set.. 2015.

_____. **Imagem**. em: <www.cisc.org.br/biblioteca>. Acesso em: 15 set.. 2015.